



O CINEMA COMO POTÊNCIA EDU(VO)CATIVA NA EDUCAÇÃO: PELO GRUPO DE ESTUDOS CINEMA E EDUCAÇÃO (GECED)

Educação Inovadora e Transformadora

Mariete Taschetto Uberti¹
Lutiere Dalla Valle²
Jéssica M Freisleben³

RESUMO

O presente artigo discorre sobre duas experiências desenvolvidas em duas escolas da Rede Pública de Santa Maria, com estudantes do Ensino Médio, vinculadas ao projeto Grupo de Estudos e Pesquisas Cinema e Educação (GECED). Ao propor conversações com os estudantes sobre o que eles veem e qual as imagens filmicas que têm relação consigo, intentamos oportunizar espaços dialógicos sobre os imaginários que a cinematografia direciona e constroem a partir do que os filmes apresentam. Respaldando-se pela perspectiva de Estudos da Cultura Visual (HERNÁNDEZ, 2007 e 2013), os Modos de Endereçamento (ELLSWORTH, 2001) e a potência edu(vo)cativa (DALLA VALLE, 2014, 2015 e 2018). O cinema, com bases nesses autores, é pensado como potência viva, dispositivo de aprendizagem, buscando estabelecer relações entre imagem e subjetividade no que tange às construções sociais, históricas, culturais e ideológicas que circulam no contexto juvenil. Neste contexto, a pesquisa tem nos mostrado o quanto a realidade das escolas, muitas vezes, nos restringe as práticas a partir desta proposição (a partir de filmes), oferecendo-nos, portanto, algumas pistas para pensar e propor práticas educativas em arte e visualidade que favorecem o protagonismo juvenil e posições ativas diante dos artefatos visuais produzidos pelas culturas.

Palavras-chave: Cinema, Educação, Artes Visuais, Potência Edu(vo)cativa

INTRODUÇÃO

O Grupo de Estudos e Pesquisas Cinema e Educação (GECED) foi criado em 2015, vinculado ao Laboratório de Artes Visuais e suas I/Mediações (UFSM), coordenado pelo professor Lutiere Dalla Valle, no Curso de Artes Visuais, com participação de alunos da graduação, pós-graduação e ex-alunos do curso. O GECED tem como ponto de partida o cinema como potência, ao apresentar a ideia de imagem/movimento, e/ao propor encontros que provoquem reflexões e contextualizações a partir da cinematografia. O projeto, desse modo, tem objetivado potencializar o cinema na educação, seja pela mediação direta do grupo ou pelas

¹ Mestrado, E.E.E.B. Augusto Ruschi, Membro do Laboratório Artes Visuais e suas I/Mediações-CAL/UFSM, mariete.uberti@bol.com.br

² Doutorado, UFSM, Coordenador do Laboratório Artes Visuais e suas I/Mediações-CAL/UFSM, lutiere@dallavalle.net.br

³ Mestrado, UFSM, Jessicafreisleben@hotmail.com



propostas de estudos vinculados ao cinema e a educação nos diferentes contextos educacionais. O grupo tem proposto diferentes inserções e proposições nos contextos educativos, dentro das disciplinas do curso de Artes Visuais da UFSM, em Escolas da Rede Pública de Santa Maria e atualmente ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) – Artes Visuais, em articulação a formação dos acadêmicos vinculados ao projeto e as propostas a serem levadas para as escolas.

Como proposta metodológica que tem embasado nossas pesquisas e a realização do referido trabalho, nos valemos dos estudos da cultura visual, para tratar de como o cinema pode ser proposto/pensado como dispositivo cultural, que não é neutro, mas produto de um contexto (HERNÁDEZ, 2007). Concomitantemente, temos buscado articular a metodologia “*edu(vo)cativa*” do cinema, pautada por propostas que consideram as experiências de visualização de filmes sob três aspectos norteadores: *educativo*, *evocativo* e *cativo* no que está relacionado ao caráter ilustrativo/informativo do cinema; àquilo que evoca/mobiliza aspectos da memória e, a seu aspecto *cativo* enquanto artefato visual/cultural que seduz e aprisiona a partir do olhar (DALLA VALLE, 2015).

O cinema é pensado como uma potência que pode ser usado como proposta/estudo para a formação, a cultura e cidadania, seja nos espaços formativos das universidades, seja nas escolas. Bem como, tenciona instigar o protagonismo crítico e reflexivo frente às inúmeras produções audiovisuais que diariamente participam de nossas experiências visuais e igualmente de imaginários coletivos sobre ser e estar no mundo, considerando, desse modo, que as imagens audiovisuais não são algo neutro, mas uma construção social, muitas vezes política, que condiciona normas e modos de vida, que são estudados a partir dos Modos de Endereçamento de Elizabeth Ellsworth (2001).

Para este texto, trouxemos como recorte, os estudos e observações feitos em duas escolas da rede pública de Santa Maria, com estudantes do Ensino Médio, no que fiz respeito à inserção de filmes como prática de trabalho em sala de aula e em projetos. Como é desenvolvida a metodologia proposta pelos professores ao “convidar” um filme para dialogar com os estudantes. Ao mesmo tempo, compreender as possibilidades para a formação a partir de diferentes narrativas



audiovisuais seja filmes produzidos por Hollywood ou nacionais⁴, de grande ou pequena circulação.

DESENVOLVIMENTO

O cinema segundo Elizabeth não é neutro, mas condiciona modos de endereçamento, de olhar e muitas vezes de se portar, articulados pelas grandes narrativas e seus impactos na vida cotidiana ao criar, legitimar e difundir imaginários coletivos sobre *ser* e *estar* no mundo (ELLSWORTH, 2001). Assim, ao refletir sobre a cinematografia na educação, nos propomos alguns questionamentos, que no decorrer do projeto vem se ampliando a novas questões, pois a ideia não é definir resposta, mas propor brechas, para trabalhar filmes de modo crítico e potente. Dentre esses questionamentos, consideramos importante trazer para a reflexão: *O que podemos aprender com o cinema? Como essas experiências podem ser potencializadas?* Deste modo, a cinematografia é pensada enquanto artefato cultural, seja pela sua visualidade, obra artística, como potência cultural, embasados nos estudos da cultura visual. Contudo, queremos deixar claro que não é nossa intenção responder a estas questões, mas a partir delas, propor reflexões sobre os dois exemplos que trouxemos, sobre trabalhos realizados por componentes do grupo, com o cinema em duas escolas públicas.

Ao nos posicionarmos a partir da cultura visual, nos propomos pensar o cinema objeto/imagem que está presente no contexto dos estudantes e que cada um têm suas preferências pela cinematografia, que ela não é fechada e estática, como pode ser pensada por alguns. Onde a preferência se dá por filmes produzidos para a juventude (Idem, 2001). Entendemos que toda e qualquer narrativa audiovisual tem sua potência, está situada em uma comunidade discursiva determinada e carrega consigo intencionalidades. Assim, o projeto propôs-se, desde o princípio, constituir-se mediador das questões que dizem respeito aos modos de ver, buscando articular debates e reflexões entorno dos artefatos produzidos por nossa cultura e seus

⁴ Conforme previsto na lei 13.006/14. Art. 26: § 8º A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais.” (NR). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2011-2014/2014/Lei/L13006.htm> Acesso em 20 out. 2016.



possíveis impactos na vida cotidiana - sobretudo nas culturas juvenis. Da mesma forma, não impondo metodologias ou caminhos prescritivos no âmbito escolar, mas provocar ao questionamento, instigar pensamentos, mobilizar aprendizagens (HERNÁNDEZ, 2007).

Duas experiências distintas são base para a discussão da inserção do cinema na escola, a primeira desenvolvida entre 2016/17, como projeto, com estudantes dos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio, do Colégio Técnico Industrial de Santa Maria (CTISM), vinculado a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Em turno inverso ao das aulas e com o objetivo de protagonizar as experiências e vivências dos estudantes, ao mesmo tempo, intentamos, a partir delas, propor experiências conjuntas com o grupo. Concomitantemente realizamos atividades em uma escola, da Rede Estadual de Santa Maria, também com estudantes do Ensino Médio nos horários das aulas. Na primeira proposta, os estudantes foram os coadjuvantes, por proporem os filmes, trazerem questionamento, debates, se posicionarem e problematizarem a visualidade, história, proposta, intenção que cada filme trazia consigo. Ao mesmo tempo, que se colocavam como intérpretes e consumidores, propuseram-se não apenas a *olhar* cada filme, mas a *ver*, ou seja, analisar os direcionamentos, suas identidades, ou não, instigados a esmiuçar cada cena e cada personagem no intuito de pensar sobre o que é visto e o que poderia estar invisibilizado na narrativa. Sobretudo a partir da questão: *o que está dentro e o que está fora?* O que cada filme lhe propunha, como cada um se percebia constituído ou mesmo consumido pelas imagens e informações que o filme trazia, e, de onde, qual a relação que poderiam ser pensadas para que esses filmes, escolhidos por eles, lhes apresentavam de imaginário. *Que memórias eram trazidas por esses enredos? A quem os filmes se direcionavam? O que viam agora que não fora observado em outro momento/contexto*⁵?

Certamente, que ao desenvolvermos um projeto a partir da cultura visual, temos claro que toda e qualquer narrativa audiovisual tem sua potência, está situada dentro de um contexto, em uma comunidade discursiva determinada e carrega consigo intencionalidades. Assim, o projeto propôs, desde o princípio, constituir-se

⁵ A maioria dos filmes sugeridos já fazia parte de uma seleção de filmes assistido pelos estudantes, ou por parte deles, mas que gostariam de pensar e potencializar seus modos de ver.



mediador das questões que dizem respeito aos modos de ver, buscando articular debates e reflexões entorno dos artefatos produzidos por nossa cultura e seus prováveis impactos na vida diária - sobretudo nas culturas juvenis. Da mesma forma, não impondo métodos, posições e imposições no âmbito escolar, mas gerando reflexões, instigando pensamentos, movimentando o processo de ensino e aprendizagem, onde o estudante configura-se coadjuvante. Revisitar nosso “lugar comum” junto à sociedade como pode ser percebido a partir da pergunta do estudante Julio durante o debate ao final de uma das sessões: “*o que a sociedade busca hoje, o que nós jovens queremos para nós?*”⁶. Dúvidas, questionamentos que estão presentes no dia a dia com a escola, na vida, diante da mídia e suas “informações/recortes/seleções”, do que deve ser informado, do modo que aquilo que escolhemos como certo/errado direciona nossos modos de ver e sermos vistos. Ir além, como nos indica o professor Lutiere,

A experiência partilhada entre estudantes e professora, estabelece relações entre as experiências de vida e os saberes dos alunos, promove múltiplos movimentos, muitas idas e vindas, entrelaçamentos e tessituras entre *conteúdo* escolar, o universo social e o universo particular de cada sujeito envolvido. Professora e alunos compartilham curiosidades, incertezas e também a satisfação de produzir algo que tem um significado humano para eles. Ninguém fica a margem do processo educativo, todos são integrados (DALLA VALLE, 2014, p. 158).

Ao mesmo tempo, que, ao nos propormos estudar, num processo educativo, o cinema a partir da potencia edu(vo)cativa, como mobilizadora de aprendizagens, aberta às possibilidades e modos de ver, nos colocamos como observadores, com um olhar atendo às imagens produzidas que estão em constante movimento, e como fonte de potencial pedagógico, que nos instiga a refletir sobre o que podemos aprender *com e a partir* do cinema.

Neste interim, os estudos da cultura visual mobilizam formas de compreensão e percepção de si e do mundo que estão além daquilo que pode estar em evidência na narrativa. Assim, a partir desta perspectiva, nos autorizamos a questionar os modos como vemos e propomos interação, contextualização, reflexão, a partir do que os estudantes nos trazem. Onde a educação não tem somente a função de

⁶ Fala do estudante do CTISM e participante do projeto, nos primeiros encontros do grupo, quando pensávamos quais seriam os filmes que definiríamos para nossas sessões e qual o enfoque que iríamos abordar.



educar, no sentido de ensinar conteúdos, ela tem que ser mais, para ensinar precisa movimentar, gerar empatia, sensibilizar os sentidos e sentimentos. O cinema, nesse contexto, move a memória, produzindo afinidades consigo, propondo relações, identificações e desse modo evocando o eu sujeito por meio de um filme. Ao se articular com as relações individuais e temporais que fazem parte da individualidade do sujeito, pode propor novas configurações, movimentos através de novas conexões. Ao adentrar no processo de evocação, nos percebemos cativados, sendo seduzidos, afetados, pois os sentidos se entrelaçam ao processo e dão significado ao aprendizado, ao conhecimento, a contextualização e a reflexão sobre a imagem, como instrumento da proposta edu(vo)cativa (Idem, 2015).

Discorrer sobre questões que envolvem as produções cinematográficas a partir dos estudos da cultura visual e da proposta edu(vo)cativa, pressupondo abordar/pensar, da mesma forma, os direcionamentos que dizem respeito a nós, antes de tratar do/com o(s) outro(s). A partir de filmes produzidos, sobretudo por Hollywood que em nossa cultura adquire (ou tem adquirido ao longo dos anos) maior circulação, a ideia é adotar o olhar como prática cultural da visão, ao ponderarmos sobre as maneiras de ver e sermos vistos, que, segundo Dalla Valle (2018), sob a ótica da cinematografia, pode contribuir a criar e difundir papéis, na maioria das vezes dicotômicos, dualistas e binários. Pois, ao instigar modos de *existir*, este designa modelos e desejos, que produz e difunde imaginários que são incorporados em diferentes contextos do/na cotidiano, que muitas vezes provocam a delimitação do olhar e insatisfação – configurando estereótipos, definindo papéis e formas de articulação da própria vida.

Mobilizando-nos a buscar alternativas de trabalho com o cinema que proponha aproximação com os estudantes, conosco, com o grupo/colega, percepção, dando sentido à escola, a arte, a educação, produzindo significado às imagens com suas subjetividades, não se limitando ao que nos é proposto com determinado filme ou mesmo a partir de um olhar isolado de um espetador, mas, construído pela problematização, norteado pelo diálogo, interação e sensibilidade, protagonizando processos de aprendizagens. Segundo Hernández,

Tal perspectiva, que vai além de experiências de apreciação, de prazer estético ou de consumo que a cultura visual pode proporcionar, suscita uma



compreensão crítica das práticas sociais do olhar e da representação visual, das suas formas sociais e das relações de poder às quais se vincula (2007, p.41).

Neste sentido, as experiências nas Escolas da Rede Estadual de Educação de Santa Maria, precisam ser reconfiguradas, por serem, contextos, espaços, interesses, modos de vidas distintos do primeiro relato. Em outra experiência e contexto, parte dos estudantes trabalham em turno inverso, não podendo desse modo se inserir em um projeto que queira deles um tempo maior dentro da escola. As alternativas de trabalhar em aula nem sempre são positivas, devido à carga horária (de um período de 45min. semanais da disciplina de Artes) e quando obtemos a cedência por parte dos colegas, de seus horários, muitas vezes não conseguimos ficar em tempo integral com os estudantes durante as sessões dos filmes, porque temos que atender outras turmas concomitantemente, fragilizando a proposta.

É a partir das relações estabelecidas que percebemos o que os filmes ou imagens dizem para os alunos, sobretudo a partir daquilo que elaboram em suas devoluções discursivas. É também a partir dessas pequenas nuances que podemos propor um diálogo, que seja significativo e que o estudante se sinta convidado a participar. A escola falha, em muitos casos, ao delimitar tempos e espaços e ao priorizar determinados conteúdos em detrimento de outros. Ou, quando é ofertado um momento para que os estudantes possam assistir um filme, este, pensado com um direcionamento fechado, com perguntas prévias, que estão ligadas a um conteúdo ou a algum tema que a escola e/ou o professor pretende trabalhar. Nessa linha de pensamento, a professora Alice Fátima, argumenta:

Por isso mesmo, quando é trazido à pauta a possibilidade de se estabelecerem relações mais profícias e efetivas entre cinema e educação, ou *aprendizagens*, entendidas num sentido mais amplo, adentra-se a uma questão que urge ser discutida, do ponto de vista da educação e da cultura. Ela está no esforço (quase sempre fadado a algum insucesso ou frustração) geralmente empreendido para disciplinar o cinema aos tempos, ritmos e conteúdos da educação escolar, desconsiderando a potência do ambiente cinematográfico, seus próprios tempos, ritmos e narrativas para a formação de mentalidades e a conformação de *aprendizagens significativas* – à revelia dos projetos escolas, inclusive... (MARTINS, 2014, p. 184-185).



Estes pontos de reticências nos dizem muito, pois, como podemos perceber, elencar o estudo de um filme é muito mais que levar os estudantes ao auditório da escola, para lá, delimitarem o interesse pelo qual os estudantes devem assistir o filme, sem, adentrar na narrativa fílmica. Narrativa que está além do que sua sinopse nos propõe ao nos introduzir a história que é apresentada. Ou mesmo um único olhar, ou de um determinado público (no caso professores). Cada sujeito, dentro de suas subjetividades cria uma relação com os filmes que estão atrelados a carga de saberes e experiências que trazem consigo. Restringir esses conhecimentos a experiências de quem escolhem um filme, é reducionista, pois ao mesmo tempo em que deixa de considerar o estudante como um ser ativo e protagonista no processo educativo, delimita a narrativa fílmica, uma vez que, segundo Stuart Hall “nem as coisas por si mesmas, nem os usuários da linguagem, podem ficcionar o sentido da linguagem. As coisas não têm significado: nós construímos sentido usando sistemas de representação – conceitos e sinais (1997, p. 25)⁷.

Convidar um filme para adentrar a escola, um espaço educativo, uma sala de aula, requer sensibilidade, olhar atento, estudo, estar aberto a imprevistos, desconfortos, desacomodamentos. Um filme pode ser o recorte de uma história, e compreender esse recorte só é possível ao assistir o filme por completo, uma, duas, quantas vezes se fizer necessário. Pois, como num texto, na primeira leitura, análise nem sempre conseguimos dar conta de elaborar todas as informações que estão contidas neles. O filme, por ser imagem em movimento trás complexidade e envolve, movimento e interpretação subjetiva. Quando essa interpretação já vem pré-definida por um olhar posto, não permite que os estudantes se abram a uma observação íntima, inventiva, autobiográfica dificultando sua relação com a história e consequentemente consigo. Não permitindo que haja, em alguns casos, uma identificação, não evocando e cativando e consequentemente não oportunizando um processo educativo significativo.

CONCLUSÃO

⁷ Texto original: Things don't mean: we construct meaning, using representational systems - concepts and signs. Traduzido por Dias em: DIAS, B. **O I/mundo da Educação em Cultura Visual**. Brasília: Editora da pós-graduação em artes da Universidade de Brasília, 2011. 210p.



As certezas têm dado lugar a incertezas, a questões, dúvidas que nos suscitam constantes análises da prática do uso de filmes como potências na educação. O que temos são considerações que nos movem a pensar “*Como articular outros modos de inserir e trabalhar com a cinematografia nos espaços escolas de modo a produzir sentido a todos envolvidos?*”

A cultura visual é propulsora dessas inquietudes, ao dialogar com objetos/imagens/obras/cinematografia a partir do olhar do sujeito que as vê e não do já dito, produzido sobre eles(as). Ela instiga o olhar atento, sensível, que gera sensibilidade com/para o outro, sujeito ativo, que trás consigo saberes que ao serem potencializados nos espaços educativos resultam numa educação significativa, ao evocar e produzir sentido. Para tanto, nos cabe olhar o que foi produzido, como foi, para perceber o que ficou, buscar pequenas fendas, que nos permitem adentrar e criar caminhos, possibilidades de trabalhar a cinematografias nos diferentes espaços educativos. Diante de nossas experiências de aprendizagem, o cinema sugere alavancarmos reflexões sobre a complexidade narrativa, visual e conceitual: instiga a perceber valores estéticos e morais que em outros contextos jamais perceberíamos tal potencialidade – devido ao seu alto poder de afecção. Tal vínculo inscreve-se talvez pelo “impacto emocional em que a demonstratividade não distrai, mas conscientiza, não desvia a atenção, mas, pelo contrário, nos afunda numa realidade penosa ou problemática, como as palavras escritas talvez não consigam fazer” (CABRERA, 2006, p. 47).

Assim sendo, o cinema participa de processos de desenvolvimento mental, reflete uma prática exploratória que continua à espera de materialização, como se estivesse, em um primeiro momento, atrelado essencialmente ao mundo das ideias. A partir de sua natureza *experiencial*, relaciona-se a seu tempo de projeção e os efeitos que produz no intelecto após sua finalização. É fruto da confrontação de temporalidades diversas, de uma experiência *visual*, *sensorial* e *afetiva* pelos elementos que o compõem: *tempo*, *plano*, *composição*, *movimento*, *sequência*, *sonoridade*, *narratividade*, *visualidade*, *luminosidade*, *contraste*, *enquadramento*.

Com as imagens exercitamos nossas capacidades inventivas, onde criar pode conectar-se ao ato de *inventar*, uma vez que a aprendizagem promove rupturas que



desencadeiam outros desdobramentos, ou seja, contribui a pensar alternativas diversificadas para pensar e projetar a própria existência, uma vez que “o cinema não é apenas uma imagem após a outra, mas uma imagem mais outra que forma uma terceira, e esta terceira a constrói o espectador” (AILDELMAN & LUCAS, 2010, p. 161).

REFERÊNCIAS

- AILDELMAN, N.; LUCAS, G. de. **Jean-Luc Goard**: pensar em imagénes. Barcelona: Intermedio, 2010.
- CABRERA, J. **O cinema pensa**. Uma introdução à filosofia através dos filmes. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- ELLSWORTH, E. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, T. T. da. **Nunca fomos humanos**: nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- HALL, S. (Org.). **Representation**: Cultural representations and signifying practices. Thousands oaks, CA: Sage Publications, 1997.
- HERNÁNDEZ, F. Pesquisar com imagens, pesquisar sobre imagens: revelar aquilo que permanece invisível nas pedagogias da Cultura Visual. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Org.). **Processos e práticas de pesquisa em Cultura Visual e educação**. v. 4, p. 77-96. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.
- _____. **Catadores da Cultura Visual**: transformando fragmentos em nova cultura narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- MARTINS, A. F. Becos e trânsitos entre escola e cinema. In.: MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Org.). **Pedagogias Culturais**. (v. 5) p. 177-196. Santa Maria: Ed. da UFSM 2014.
- VALLE, L. D. A potência Edu(vo)cativa das imagens fílmicas na (com)formação de gênero: experiências de aprendizagens a partir do cinema. In: LISBOA FILHO, F. F.; SILVA, T. J. (orgs.). **Cultura e identidade**: subjetividade e minorias sociais. Santa Maria: FOCUS – UFSM, 2018. 1 e-book.
- _____. “Quem aprendi a ser a partir dos filmes que vi” explorando o potencial narrativo/evocativo/pedagógico do cinema no contexto educativo. . In: MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Org.). **Educação da cultura visual**: aprender... pesquisar... ensinar... (v.6) p. 211-237. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2015.
- _____. Aprendendo a ser docente através de filmes: possíveis trânsitos entre cinema e educação. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Org.). **Pedagogias Culturais**. (v. 5) p. 141-164. Santa Maria: Ed. da UFSM 2014.